

DA FAVELA À BAIXADA: A VARIAÇÃO DA CODA (S) E O CONTÍNUO DE NORMA URBANA NO RIO DE JANEIRO

FROM FAVELA TO THE BAIXADA: THE VARIATION OF CODA (S) AND THE CONTINUUM OF URBAN NORM IN RIO DE JANEIRO *

Marcelo Melo¹
Gabriel Magalhães da Silva Gregório²
Kamila Leite Alvarez da Silva³
Karen Tavares dos Santos Lima⁴

RESUMO: Este estudo investiga a variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro, a partir de duas novas amostras de fala: FavRio, composta por moradores de favelas da capital, e Baixada-RJ, formada por falantes oriundos da Baixada Fluminense. O objetivo é compreender os condicionamentos linguísticos e sociais que atuam sobre a realização das variantes alveopalatal, posterior, alveolar e de ausência, bem como analisar o posicionamento dessas comunidades no contínuo de norma urbana. A análise, fundamentada na Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]) e nos Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016; Pierrehumbert, 2003, 2016; Cristófaros-Silva; Gomes, 2017, 2020), revelou que fatores estruturais, como contexto seguinte, tonicidade e posição da coda, além de variáveis sociais, como sexo e escolaridade, condicionam significativamente a realização da variante posterior. Os resultados indicam que, embora oriundos de territórios periféricos, os falantes das amostras FavRio e Baixada-RJ não se aproximam do padrão dos adolescentes socialmente excluídos (Amostra EJLA), mas convergem para o comportamento observado entre falantes da classe média (Amostra Censo 2000) e adolescentes inseridos socialmente (Amostra Fiocruz). Além disso, observou-se que a centralidade da variante alveopalatal ou posterior na representação de itens lexicais mais frequentes varia conforme o grau de inserção social dos falantes, refletindo diferentes modos de organização do conhecimento linguístico. Esses achados sustentam a hipótese de um contínuo de normas urbanas na comunidade de fala do Rio de Janeiro, no qual a inserção social e o acesso a instituições de prestígio influenciam tanto a produção quanto a representação lexical.

PALAVRAS-CHAVE: Coda (s). Comunidade de fala do Rio de Janeiro. Contínuourbano. Modelos Baseados no Uso. Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT: This study investigates coda (s) variation in the Rio de Janeiro speech community, based on two new speech samples: FavRio, composed of residents from urban favelas, and Baixada-RJ, formed by speakers from the Baixada Fluminense region. The aim is to examine both linguistic and social constraints on the realization of alveopalatal, posterior, alveolar, and absence variants, as well as to analyze how these communities are positioned within the urban norm continuum. Grounded in Variationist Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]) and Usage-based Models (Bybee, 2016; Pierrehumbert, 2003, 2016; Cristófaros-Silva; Gomes, 2017, 2020), the analysis shows that structural factors, such as following context, stress, and coda position, alongside social variables, such as sex and schooling, significantly influence the production of the posterior variant. Findings indicate that, although from peripheral territories, FavRio and Baixada-RJ speakers do not align with the patterns of socially excluded adolescents (EJLA sample) but rather converge with middle-class speakers (Census 2000 sample) and socially integrated adolescents (Fiocruz sample). Moreover, the study reveals that the centrality of the alveopalatal or posterior variant in the representation of specific lexical items varies according to speakers' degree of social insertion, reflecting different ways of organizing linguistic knowledge. These results support the

* Data de Submissão: 06.09.2025 – Data de Aceite: 13.01.2026 | DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2025v20n2.76169

¹ Professor Adjunto do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Contato: malmelo.lopez@letras.ufrj.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8025-0530>

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de

Janeiro (PPGLIN/UFRJ) – Contato: gabrielgregorio@letras.ufrj.br | Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-3973-7946>

³ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Contato: kamilalvarezs@letras.ufrj.br

⁴ Licenciada em Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: karentavares@letras.ufrj.br

hypothesis of an urban norm continuum in the Rio de Janeiro speech community, in which social insertion and access to prestigious institutions influence both production and lexical representation.

KEYWORDS: Coda s. Rio de Janeiro speech community. Urban continuum. Usage-based Models. Variationist Sociolinguistics.

1 Introdução

Diferentes amostras sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro mapearam, majoritariamente, falantes pertencentes a diferentes setores da classe média. A partir dessas amostras, diferentes variáveis foram analisadas, dentre as quais a variação da coda (s) sempre despertou particular interesse, uma vez que a realização alveolopalatal dessa variável é reconhecida como uma característica da variedade carioca (AULER, 1992; SCHERRE; MACEDO, 2000; MELO, 2012, 2017). Assim, o presente estudo tem por finalidade analisar a variação da coda (s) nas posições interna (medial) e final de palavra, tal como em me[z]mo ~ me[h]mo (*mesmo*), nó[j] ~ nó[h] (*nós*), na comunidade de fala do Rio de Janeiro a partir de duas novas amostras, em construção, constituídas por indivíduos oriundos das periferias do estado do Rio de Janeiro, a Amostra FavRio (PEUL/UFRJ) e a Amostra Baixada-RJ (PEUL/UFRJ). Por meio dessas duas amostras, pretende-se observar os condicionamentos para a realização da variável e seus impactos na organização do conhecimento linguístico dos indivíduos, como também delinear um contínuo de normas urbanas a partir do distanciamento dos grupos de indivíduos em relação à norma da cidade do Rio de Janeiro. Esse distanciamento será mapeado em razão da distância física (territórios afastados do centro urbano, por meio da *Amostra Baixada-RJ*) e em razão do distanciamento social (favelas do centro urbano, por meio da *Amostra FavRio*). Em outras palavras, a referência a *periferias* neste projeto se faz em duas dimensões: geográfica (física) e social.

Relativamente à variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro, estudos anteriores mostraram três importantes pontos: forte condicionamento fonético, possibilidade de condicionamento lexical e avaliação das variantes (SCHERRE; MACEDO, 2000; CALLOU; BRANDÃO, 2009; MELO, 2012, 2017). Em relação ao condicionamento fonético, é possível observar, nos estudos referidos anteriormente sobre a coda (s) na variedade carioca, que a realização da variante posterior (velar/glotal) é fortemente favorecida quando o contexto seguinte é constituído por uma consoante vozeada e desfavorecida diante de consoante desvozeada, vogal e pausa. Além disso, esses mesmos estudos apontam que pode haver condicionamento lexical para a realização da variante posterior, tendo em vista que alguns itens tendem a ser mais realizados com essa variante do que outros. Em relação à avaliação das variantes, observa-se que a posterior é estigmatizada entre falantes mais escolarizados, sendo a variante alveolopalatal percebida apenas como uma característica da variedade carioca (MELO, 2017, 2022).

Partindo dos dados das novas amostras e dos resultados de estudos anteriores, o suporte teórico para a presente análise conjuga os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e dos Modelos Baseados no Uso. No que se refere à Sociolinguística Variacionista, entende-se que o conhecimento linguístico seja dotado de heterogeneidade estruturada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), motivo pelo qual a variabilidade observada no uso linguístico é condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos (Labov, 1994, 2001, 2010). Relativamente aos Modelos Baseados no Uso, entende-se que haja uma relação entre conhecimento abstraído e uso, concedendo status representacional a variabilidade observada no uso (BYBEE, 2016; PIERREHUMBERT, 2003, 2016; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017, 2020).

Assim, no presente trabalho, pretende-se contribuir para o debate acerca de questões importantes para a Sociolinguística Variacionista: i) os falantes de diferentes grupos sociais de uma mesma comunidade de fala compartilham os mesmos padrões estruturais de uma determinada variável? caso não compartilhem, em que medida esses padrões divergem? ii) fatores condicionadores favorecedores e desfavorecedores para a realização de uma determinada variante atuam da mesma forma em todos os grupos sociais de uma mesma comunidade de fala? iii) em que medida diferentes experiências sociais afetam o conhecimento linguísticos de falantes de uma mesma comunidade de fala? Para tanto, este estudo se encontra organizado da seguinte forma: na seção a seguir serão apresentados os pressupostos teóricos que embasam a presente pesquisa; na seção seguinte, serão revisitados alguns trabalhos sobre a variável linguística em análise; na terceira seção, será apresentada a metodologia utilizada para coleta de dados; na quarta seção, será realizada a análise de dados; e, por fim, serão tecidos alguns comentários finais para o estudo.

2 Variação e mudança sonora

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) (doravante WLH) romperam com a tradição dos estudos linguísticos consolidada na primeira parte do século XIX, segundo a qual a língua constitui um sistema homogêneo e abstrato, sem relação com questões históricas e sociais. Ao romperem com essa tradição, WLH concebem o sistema linguístico como dotado de heterogeneidade ordenada, motivo pelo qual a variação observada no uso dos falantes guarda relação com a heterogeneidade do sistema e se relaciona — ou é condicionada — por questões estruturais (linguísticas), sociais e cognitivas (LABOV, 1994, 2001 e 2010). Ainda segundo os autores, somente um modelo de organização do conhecimento que incorporasse a variação ao sistema seria capaz de explicar a mudança linguística, uma vez que “a chave para uma concepção racional da mudança linguística é a possibilidade de descrever a heterogeneidade ordenada numa língua que serve a uma comunidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p.36).

Certamente, os pressupostos lançados por WLH tiveram grande impacto para os estudos sobre variação e mudança linguística, sobretudo para aqueles que se debruçaram sobre a relação entre língua e sociedade. Apesar de inserirem a variação no sistema linguístico, por meio da postulação do conceito de heterogeneidade ordenada, WLH assumiram o modelo formal de gramática vigente à época e, partindo dele, postularam o conceito de regra variável para explicar como os diferentes usos da língua eram não só produzidos, como também sistematizados. Assim, o modelo de gramática assumido tradicionalmente pelos estudos variacionistas foi um modelo formal, sendo a variação explicada por meio de regras: uma regra é aplicada a uma forma subjacente invariante e formas diferentes são geradas. Em outras palavras, apesar de conceber que a mudança está intimamente ligada à variação e que a variação é inerente ao sistema linguístico, os estudos variacionistas adotaram, ao longo das últimas décadas, um modelo de organização do conhecimento linguístico cujo núcleo é invariante e a partir do qual as formas variáveis são produzidas. Essa concepção de sistema linguístico coloca uma questão importante para o tratamento da variação nos estudos sociolinguísticos: como uma gramática cujo núcleo é invariante seria capaz de acomodar a variação (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2004, p.32)?

Os Modelos Baseados no Uso (doravante MBU) apresentam-se como um modelo de gramática que considera a experiência linguística real do falante e que se constrói — ou emerge — a partir do uso. Pierrehumbert (2003) argumenta que a variabilidade linguística, por constituir um elemento fundamental do conhecimento linguístico do falante, não pode ser reduzida ao resultado de um processo. Assim, os MBU postulam a variação como componente intrínseco do conhecimento linguístico do falante, concebendo status representacional à variação

linguística e não a trata como resultado de um processo. Em outras palavras, diferentemente dos modelos formais, as representações mentais são múltiplas e incluem diferentes formas com que os itens lexicais são produzidos e percebidos. Desta forma, os MBU concebem que as representações abstratas contêm todas as possibilidades fonéticas de realizações dos itens lexicais (CONNINE; RANBOM; PATTERSON, 2008).

Além de postular que as representações são redundantes e incluem o detalhe fonético, os MBU não fazem distinção entre léxico e gramática. Para tanto, Bybee (2016) e Pierrehumbert (2003) argumentam que os itens linguísticos não são armazenados de forma aleatória e em uma lista não-estruturada, mas que as similaridades fonéticas e semânticas observadas entre os itens fazem parte da estrutura da estocagem, construindo, assim, uma rede de conexões a partir dos itens (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2004, p.37). Essas redes são reforçadas conforme as experiências vividas por cada falante individualmente, razão pela qual o mapeamento dessas redes é contínuo, uma vez que se atualiza a todo o momento de acordo com a experiência individual (BYBEE, 2016). Essa organização lexical em redes, por sua vez, é também dinâmica, já que o mesmo item participa de conexões com outros itens lexicais em função de diferentes características compartilhadas.

Os MBU aplicados na Fonologia, a partir da Teoria de Exemplares, permitem que seja capturada tanto a “informação abstrata que compõe o item lexical, quanto empíricas, ou foneticamente detalhadas, contendo a gradualidade, isto é, o detalhe fonético presente na fala” (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2017, p.13), uma vez que essas informações fazem parte das representações das palavras. É a partir dessas representações detalhadas que as abstrações emergem. Logo, todas as variantes concretas de uso são percebidas e armazenadas em uma nuvem de representações que englobam todas as possibilidades fonéticas dos itens lexicais. Isto, segundo Bybee (2002), permite que sejam capturados processos de mudança sonora em curso, já que as representações múltiplas podem espelhar diferentes organizações dos itens lexicais em função da idade e de outras categorias sociais dos falantes de uma mesma comunidade. Em outras palavras, como as representações espelham aspectos da produção e da percepção do que é produzido pelos membros de uma determinada comunidade, “os falantes dessa comunidade de fala também estão expostos à variabilidade resultante da distribuição do estágio de mudança em função da idade e da classe socioeconômica dos falantes dessa comunidade” (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2020, P. 21).

3 Estudos sobre a variável

Os estudos anteriormente citados sobre a variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro apontam para a predominância da variante alveolopalatal, sendo as demais realizações — variante alveolar, variante ‘aspirada’ ou posterior (glotal ou velar) ou de ausência da coda — ocorrendo em percentuais menores. Entre falantes com nível superior na cidade do Rio de Janeiro, Callou e Brandão (2009) argumentam que a palatalização da coda (s) é generalizada e independe do nível de escolaridade, gênero e faixa etária, sendo a realização da fricativa posterior ocorrendo apenas em 1% dos dados. Entre falantes com Ensino Fundamental e Ensino Médio (Amostra Censo 1980), Scherre e Macedo (2000) observaram também que a variante mais frequente na variedade carioca seria a fricativa alveolopalatal (61%), sendo a realização da fricativa glotal observada em apenas em 7% dos dados. Ainda em relação a falantes com Ensino Fundamental e Médio (subgrupo de falantes da Amostra Censo 2000), Melo (2012) observou uma distribuição das variantes bem semelhante a Scherre e Macedo (2000): predomínio de realização da variante alveolopalatal (74%) e percentuais bem inferiores para as demais variantes (19% para a alveolar, 3% para a ausência da coda e 6% para a variante posterior).

Melo (2012, 2017) observou ainda o comportamento de falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro que pertenciam a um grupo social marcadamente distinto daqueles observados anteriormente: adolescentes moradores de favelas da cidade do Rio de Janeiro com diferentes graus de inserção. Para o grupo de adolescentes inseridos socialmente (Amostra Fiocruz), a distribuição das variantes espelha aquela observada em estudos anteriores: 77% para a variante alveolopalatal, 15% para a variante alveolar, 2% para a ausência da coda e 6% para a variante posterior. Por outro lado, para o grupo de adolescentes excluídos socialmente, foi observada uma diferença muito grande em relação à distribuição das variantes, principalmente no que diz respeito à variante posterior: 53% para a variante alveolopalatal, 12% para a variante alveolar, 4% para a ausência da coda e 30% para a variante posterior. Embora fosse esperado um comportamento semelhante para esses dois grupos de adolescentes (Fiocruz e EJLA), as diferenças observadas foram atribuídas ao grau de inserção social dos falantes de ambos os grupos, sendo o comportamento dos adolescentes com algum grau de inserção social (Fiocruz) muito semelhante ao de falantes da classe média e muito diferente dos adolescentes excluídos socialmente (EJLA).

A maioria dos estudos já realizados sobre a variação da coda (s) no português brasileiro (doravante PB), inclusive da variedade carioca, gira em torno de três importantes — e recorrentes — questões: o forte condicionamento fonético para a realização das variantes, possibilidade de condicionamento lexical e avaliação social das variantes, sobretudo no que diz respeito à variante posterior (AULER, 1992; GRYNER; MACEDO, 2000; SCHERRE; MACEDO, 2000; CARVALHO, 2000; SANTOS, 2009; MELO, 2012, 2017, 2022). Assim, com relação ao forte condicionamento fonético para a realização da coda (s), diversos estudos sobre a variável fazem menção à importância do contexto seguinte como condicionador das variantes (GRYNER; MACEDO, 2000; CARVALHO, 2000; SCHERRE; MACEDO, 2000; BRESCANCINI, 2006; SANTOS, 2009; MELO, 2012, 2017). Relativamente à comunidade de fala do Rio de Janeiro, Scherre e Macedo (2000) sustentam que a realização da coda (s) está diretamente relacionada à escala de sonoridade, isto é, “quanto mais baixo o grau do segmento seguinte nesta escala, menos variante aspirada (0,37 diante de oclusiva surda); quanto mais alto o grau, mais variante aspirada (0,94 e 0,87 diante de lateral sonora e diante de nasais sonoras” (p.55). Melo (2012, 2017) argumenta que o contexto seguinte constituído por uma consoante vozeada favorece a realização da variante glotal, sendo o contexto seguinte constituído por uma consoante desvozeada, vogal ou pausa desfavorecedor para a realização da mesma variante.

Melo (2017) aponta que, embora não haja estudos sistemáticos sobre condicionamento lexical para a realização da coda (s) no PB, é possível encontrar menção a alguns efeitos lexicais em diferentes trabalhos. Gryner e Macedo (2000) fazem alusão a “um fator de natureza morfológica” para a realização da coda (s) na região de Cordeiro (RJ) e Carvalho (2000) observou uma relação entre determinadas classes de palavras e a realização de algumas variáveis. Santos (2009) observa uma maior ocorrência da variante posterior em determinados itens, o que levou a autora a argumentar em favor de um processo de difusão lexical, tendo em vista que, conforme a autora, um processo de glotalização (realização da variante posterior) teria começado em itens específicos e se alargado para outros itens da língua. Auler (1992), sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro, defendeu também que itens estariam à frente de um provável processo de difusão lexical, apontando apenas para o item *mesmo* como sendo realizado predominantemente com a variante posterior. Ainda sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro, Scherre e Macedo (2000) observaram que alguns itens eram realizados mais frequentemente com a variante aspirada (*nós*, *mais* e *mesmo*), o que levou as autoras a postularem “a necessidade de análises futuras que levem em conta, por exemplo, frequência e formalidade dos itens” (p.62). Melo (2012, 2017), ao lançar mão dos pressupostos teóricos dos MBU e de um modelo estatístico capaz de acomodar variáveis de efeitos fixos e aleatórios,

argumentou que, entre adolescentes da comunidade de fala do Rio de Janeiro e excluídos socialmente, itens de alta frequência e com contexto fonético favorável à realização da variante posterior eram predominantemente realizados com essa variante. Segundo o autor, isso indicaria que o item lexical é um condicionamento para a realização da variante posterior.

Por fim, no que diz respeito à avaliação das variantes, os estudos anteriormente citados observam um grau de estigma atribuído à variante posterior em diferentes variedades do PB. Esses estudos se baseiam em dados de produção e as assunções são feitas com base nas características dos falantes que mais fazem uso da variante aspirada ou posterior, isto é, de falantes menos escolarizados e pertencentes a camadas mais populares. Assim, como a variante posterior é mais produzida por falantes de classes mais populares (classe baixa), diferentes estudos de produção argumentam que a fricativa posterior é a variante estigmatizada da coda (s).

Diferentemente dos demais estudos, Melo (2012, 2017), por meio de experimento de avaliação sociolinguística com a técnica de estímulos pareados (*matched guise*), buscou acessar a avaliação social dos participantes de quatro grupos sociais da comunidade de fala do Rio de Janeiro: UFRJ (falantes da classe média-média e média baixa, com nível universitário), Fiocruz (falantes da classe baixa, com inserção social e escolarização regular), EPSJV (falantes da classe baixa, com certo grau de inserção social e escolarização tardia) e EJLA (falantes da classe baixa, socialmente excluídos, com escolarização irregular). Os resultados apontaram que a variante posterior foi mais associada a um perfil profissional menos prestigiado socialmente pelos participantes dos grupos UFRJ, Fiocruz e EPSJV, ou seja, falantes com algum grau de inserção social e escolarização. Em contrapartida, o grupo EJLA (adolescentes excluídos socialmente) não fez distinção de avaliação entre as variantes, mostrando que, para esses falantes, não houve avaliação negativa ou positiva da variante posterior. Relativamente à variante alveolopalatal, essa variante não foi consistentemente percebida como de prestígio por nenhum dos grupos, sugerindo que é vista como a realização esperada ou característica da comunidade de fala do Rio de Janeiro, sem valor positivo ou estigma associado. Apesar de os falantes dos grupos Fiocruz, EPSJV e EJLA possuírem a mesma origem social (moradores de favelas), os falantes dos grupos Fiocruz e EPSJV apresentam padrões de avaliação mais próximo do grupo de universitários, distanciando-se consideravelmente do grupo EJLA. Dessa forma, Melo (2017) conclui que o grau de inserção social dos sujeitos (influenciado pela escolarização, vínculos familiares e acesso a instituições de prestígio) é crucial para explicar as diferentes avaliações, razão pela qual argumentou que os falantes podem estar dispostos em um contínuo de inserção social, com diferentes graus de acesso a valores socialmente prestigiados, o que impacta seu conhecimento linguístico e as avaliações que realizam.

Face aos resultados apresentados para a variação da coda (s), sobretudo no que diz respeito à comunidade de fala do Rio de Janeiro, espera-se que a produção dos falantes das Amostras FavRio e Baixada-RJ apresentem comportamento que espelhe os padrões de distribuição das variantes mais próximos dos falantes de diferentes setores da classe média, tendo em vista o que foi observado por Melo (2017) para os falantes da Amostra Fiocruz (moradores de favelas com certo grau de inserção social). Por outro lado, espera-se também que possa haver produções mais próximas dos falantes da Amostra EJLA (excluídos socialmente), sobretudo no que diz respeito a alguns itens lexicais. Em outras palavras, espera-se que os falantes das Amostras FavRio e Baixada-RJ, em um contínuo de norma urbana da comunidade de fala do Rio de Janeiro, ocupem uma posição intermediária, entre os falantes da classe média e de falantes com menor grau de inserção social. Essas diferentes posições no contínuo proposto podem, por sua vez, apontar para diferentes centralidades das variantes da coda (s) para determinados itens lexicais a depender do grau de inserção social dos falantes.

4 Metodologia

Nas últimas décadas, as amostras de fala sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro são constituídas majoritariamente por indivíduos de diferentes setores da classe média e que, conseqüentemente, têm acesso às instituições responsáveis por moldar os valores linguísticos em uma determinada sociedade, como as Amostras Censo 1980 e Censo 2000, do Programa de Estudos sobre Usos da Língua (PEUL/UFRJ); a Amostra NURC, do Projeto Norma Culta Urbana (UFRJ); Discurso e Gramática (UFRJ). As amostras MOBREAL, APERJ, Fiocruz (PEUL/UFRJ) e EJLA (PEUL/UFRJ) são poucos exemplos de amostras de fala com indivíduos de origem social diferente das demais amostras. Assim, a Amostra FavRio e a Amostra Baixada-RJ surgiram a partir da necessidade de observar a dinâmica da variação e da mudança linguística na comunidade de fala do Rio de Janeiro de forma mais ampla, abarcando indivíduos de perfil social ainda pouco estudado: falantes moradores de periferias da capital.

Os dados para esta pesquisa foram coletados a partir de duas amostras de fala espontânea, composta por moradores de regiões periféricas do estado do Rio de Janeiro: a amostra FavRio, constituída de moradores das favelas cariocas, e a Amostra Baixada-RJ, constituída de indivíduos nascidos e residentes da Baixada Fluminense. As amostras foram constituídas considerando a metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) para obtenção de fala espontânea e integram o acervo do PEUL/UFRJ, representando grupos sociais de classe baixa e moradores das periferias do estado do Rio de Janeiro. Importante salientar que a realização das entrevistas foi devidamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRJ (CEP)⁵. As entrevistas das duas amostras foram realizadas utilizando-se um gravador digital e a coleta dos dados segue os padrões estabelecidos pela Sociolinguística Variacionista, garantido o anonimato dos(as) entrevistados(as).

Relativamente à Amostra FavRio, até o presente momento, 44 entrevistas já foram realizadas, tendo todas duração entre, aproximadamente, 30 e 60 minutos. As favelas do Rio de Janeiro e a quantidade de entrevistados — por favela — estão distribuídas, até o momento, da seguinte forma: Arará (1 entrevista); Carobinha (1); Mangueiros (2); Maré (1); Parada de Lucas (3); Santo André (10); Vila Aliança (3); Vila Cruzeiro (2); Vila Kennedy (18); Vila Vintém (2); e Pavãozinho (1). Devido à peculiaridade da amostra, os entrevistados eram pessoas conhecidas pelas entrevistadoras ou indicadas por pessoas próximas, o que não alterou o caráter aleatório da amostra. Relativamente à Amostra Baixada-RJ, 17 entrevistas com o tempo de duração entre 30 e 60 minutos já foram realizadas, tendo sido mapeados os municípios de Duque de Caxias, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu e Magé.

Para efeitos de comparação, a estratificação das amostras FavRio e Baixada-RJ segue os padrões de estratificação das amostras Censo 1980 e 2000, que mapearam falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro: (a) três faixas etárias (18 a 29 anos; 30 a 49 anos; acima de 50 anos); (b) três níveis de escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior); e (c) sexo (masculino e feminino). Além disso, os resultados serão comparados aos resultados obtidos para as Amostras EJLA e Fiocruz, ambas constituídas por adolescentes moradores de favelas do Rio de Janeiro, com diferentes graus de inserção social. Ainda que as amostras Censo 1980 e 2000 não possuam falantes de nível ensino superior, entende-se que, em razão do aumento de perfis sociais que ingressaram na universidade nas últimas décadas, a inclusão dessa faixa de escolaridade nessas duas amostras se faça pertinente para uma análise comparativa.

⁵ (a) aprovação da Amostra FavRio: Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 19063219.0.0000.5286 (2020); (b) aprovação da

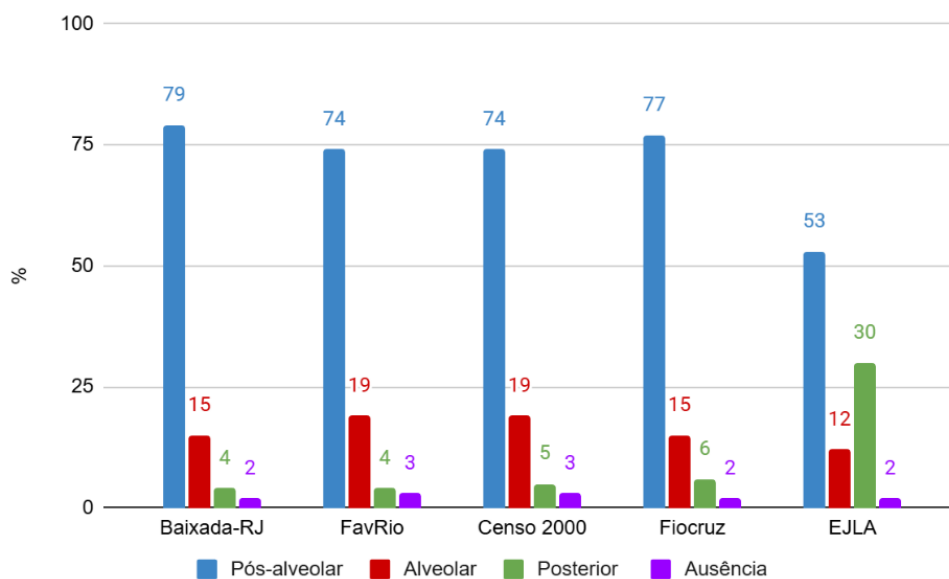
Amostra Baixada-RJ: Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 78895424.4.0000.5582 (2024)

Até o presente momento, foram levantados dados de oito falantes, sendo quatro de cada amostra: quatro falantes da Amostra FavRio, com idade entre 18 e 29 anos, sendo 01 homem e 01 mulher com Ensino Fundamental e 01 homem e 01 mulher com Ensino Médio; quatro falantes da Amostra Baixada-RJ, sendo 01 homem e 01 mulher com idade entre 18 e 29 anos e Ensino Médio, além de 01 homem e 01 mulher com idade entre 30 e 49 anos, com Ensino Superior. As seguintes variáveis independentes foram testadas para ambas as amostras: contexto seguinte, tamanho da palavra, tonicidade da sílaba em que a coda (s) ocorrer, status morfológico da coda (s), posição da coda na palavra, além de sexo, escolaridade e faixa etária dos falantes. Os dados obtidos foram submetidos ao modelo de regressão logística na plataforma RStudio e, em seguida, a um teste da razão de verossimilhança, que compara o modelo completo com versões reduzidas, cada uma com uma variável removida.

5 Resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados preliminares com os dados obtidos a partir da Amostra FavRio e da Amostra Baixada-RJ para a análise das variantes da coda (s). A distribuição geral das variantes para as duas amostras pode ser observada no Gráfico 01 a seguir, juntamente com os percentuais para as demais amostras sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro:

Gráfico 01— Distribuição das variantes da coda (s)



Fonte: Elaboração Própria

Ao comparar os dados do Gráfico 01, percebe-se que os falantes das Amostras FavRio e Baixada-RJ apresentam um comportamento muito semelhante àqueles dos falantes das Amostras Censo 2000 (falantes da classe média-média e média-baixa) e Fiocruz (adolescentes moradores de favela inseridos socialmente), sobretudo no que se refere aos percentuais da variante posterior. Por conseguinte, os falantes das Amostras FavRio e Baixada-RJ se distanciam dos falantes da Amostra EJLA (adolescentes moradores de favelas com pouca inserção social). Esses resultados seguem o mesmo padrão observado por Melo (2017) para os falantes da Amostra Fiocruz. Assim como Melo (2017), esperava-se que os falantes da Amostra FavRio, em razão da sua origem social (moradores de favelas), tivessem um comportamento mais próximo dos falantes da Amostra EJLA. Entretanto, não foi o que se observou: assim como os falantes da Amostra Fiocruz, os falantes da Amostra FavRio se aproximam do

comportamento de falantes da classe média-média (Amostra Censo 2000) e se afastam dos falantes com baixo grau de inserção social (Amostra EJLA).

No tocante às variáveis testadas, após submeter os dados à regressão logística no R, avaliou-se a contribuição individual de cada variável explicativa ao modelo, utilizando o teste da razão de verossimilhança (*LikelihoodRatio Test*), por meio da função *drop1()* com *test = "Chisq"*. O modelo ajustado teve como variável dependente (VD) e incluiu as variáveis contexto seguinte à coda (SEGUINTE), posição da coda na palavra (POSICAO), tamanho da palavra com a coda (TAMANHO), tonicidade em que a coda ocorre (TONICIDADE), status morfológico da coda (STATUS.MORF), além de sexo (SEXO) e escolaridade (ESCOLARIDADE) dos falantes. Adotou-se uma regressão logística binária, considerando a realização da variante posterior como evento de interesse. A Tabela 01 traz as variáveis que apresentaram efeito significativo para o modelo na Amostra Baixada-RJ:

Tabela 01 — Variáveis com efeito significativo - coda (s): Amostra Baixada-RJ

Variável	GL	Deviance	χ^2 (LRT)	p-valor	Significância
SEGUINTE	3	325.19	126.03	< 2.2e-16	***
POSICAO	1	199.40	0.24	0.6243	
TAMANHO	3	202.11	2.96	0.3985	
TONICIDADE	2	208.23	9.08	0.0107	*
STATUS.MORF	1	199.17	0.02	0.8978	
SEXO	1	227.54	28.38	9.54e-08	***
ESCOLARIDADE	1	214.46	15.30	1.54e-05	***

Fonte: Elaboração Própria

Conforme se observa da Tabela 01, os resultados revelaram que as variáveis SEGUINTE ($\chi^2 = 126,03$; $p < 0,001$), TONICIDADE ($\chi^2 = 9,08$; $p = 0,0107$), SEXO ($\chi^2 = 28,38$; $p < 0,001$) e ESCOLARIDADE ($\chi^2 = 15,30$; $p < 0,001$) contribuíram significativamente para o modelo. Já as variáveis POSICAO, TAMANHO e STATUS.MORF não apresentaram contribuição estatisticamente significativa ($p > 0,05$).

A Tabela 02 traz as variáveis que apresentaram efeito significativo para o modelo na Amostra FavRio:

Tabela 02 — Variáveis com efeito significativo - coda (s): Amostra FavRio

Variável	GL	Deviance	χ^2 (LRT)	p-valor	Significância
SEGUINTE	3	405.80	84.34	< 2e-16	***
POSICAO	1	327.49	6.03	0.01405	*
TAMANHO	3	325.54	4.08	0.25320	
TONICIDADE	2	330.05	8.59	0.01365	*
STATUS.MORF	1	321.49	0.03	0.86690	
SEXO	1	413.10	91.64	< 2e-16	***
ESCOLARIDADE	1	420.84	99.38	< 2e-16	***

Fonte: Elaboração Própria

Conforme se observa da Tabela 02, os resultados revelaram que as variáveis SEGUINTE ($\chi^2 = 84,34$; $p < 0,001$), POSICAO ($\chi^2 = 6,03$; $p = 0,014$), TONICIDADE ($\chi^2 = 8,59$; $p = 0,0137$), SEXO ($\chi^2 = 91,64$; $p < 0,001$) e ESCOLARIDADE ($\chi^2 = 99,38$; $p < 0,001$)

apresentaram efeito significativo. Já as variáveis TAMANHO e STATUS.MORF não apresentaram contribuição estatisticamente significativa ($p > 0,05$).

De acordo com os resultados apresentados nas Tabelas 01 e 02, é possível observar que contexto seguinte, tonicidade, sexo e escolaridade do falante se mostraram relevantes para a realização da variante posterior da coda (s) em ambas as amostras, além de posição da coda na palavra para a Amostra FavRio. De maneira geral, esses resultados replicam os resultados encontrados em estudos anteriores, principalmente no que se refere ao contexto seguinte (forte atuação de condicionamento fonético). Relativamente a este contexto, os resultados seguem os mesmos condicionamentos de estudos prévios:

Tabela 03 — Resultados coda (s) - Amostra Baixada-RJ: SEGUINTE (contexto seguinte)

	Alveopalatal		Posterior		Alveolar		Ausência	
	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%
Sonora	219/276	79,35%	46/276	16,67%	1/276	0,36%	10/276	3,62%
Surda	543/552	98,36%	2/552	0,36%	3/552	0,72%	4/552	0,72%
Vogal	18/215	8,37%	0/215	0	187/215	86,98%	10/215	4,65%
Pausa	202/207	97,58%	0/207	0	0/207	0	5/207	2,42%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 04 — Resultados coda (s) – Amostra FavRio: SEGUINTE (contexto seguinte)

	Alveopalatal		Posterior		Alveolar		Ausência	
	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%
Sonora	328/406	80,79%	59/406	14,53%	02/406	0,49%	17/406	4,19%
Surda	810/845	95,86%	10/845	1,19%	04/845	0,47%	21/845	2,49%
Vogal	03/341	0,88%	4/341	1,17%	323/341	94,72%	11/341	3,22%
Pausa	117/118	99,15%	0/118	0%	0/118	0%	11/118	0,85%

Fonte: Elaboração Própria

Os resultados para a variável SEGUINTE corroboram o que foi apontado por Scherre e Macedo (2000) e Melo (2012, 2017), ou seja, o contexto seguinte constituído por consoante sonora favorece a realização da variante posterior. Conforme se observa na Tabela 03, dentre os 48 itens realizados com a variante posterior na Amostra Baixada-RJ, 46 foram realizados quando o contexto seguinte era constituído por uma consoante sonora. Algo muito semelhante acontece na Amostra FavRio: dos 73 itens realizados com a variante posterior, 59 tinham o contexto seguinte à coda (s) constituído por uma consoante sonora. Sobre esse condicionamento, Melo (2012) atribuiu o fato de a realização da variante posterior ser favorecida quando a coda é seguida por consoante soante ou obstruente sonora se deve, provavelmente, à mesma configuração de aproximação das cordas vocais durante a produção da fricativa glotal e das consoantes soantes e sonoras.

Os resultados para a variável TONICIDADE, explicitados na Tabela 05 e 06 a seguir, seguem a mesma tendência observada por Gryner e Macedo (2000) e Scherre e Macedo (2000):

Tabela 05 — Resultados coda (s) – Amostra Baixada-RJ: TONICIDADE

	Alveopalatal		Posterior		Alveolar		Ausência	
	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%
Postônica	385/498	77,31%	08/498	8%	78/498	15,67%	27/498	5,42%
Pretônica	234/244	95,90%	02/244	2%	07/244	2,87%	01/244	0,41%
Tônica	363/508	71,46%	38/508	38%	106/508	71,46%	01/508	0,20%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 06 — Resultados coda (s) – Amostra FavRio: TONICIDADE

	Alveopalatal		Posterior		Alveolar		Ausência	
	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%
Postônica	372/529	70,32%	15/529	2,84%	107/529	20,23%	35/529	6,62%
Pretônica	317/320	99,06%	02/320	0,63%	01/320	0,31%	0/320	0
Tônica	569/861	66,09%	56/861	6,50%	221/861	25,67%	15/861	1,74%

Fonte: Elaboração Própria

Conforme se depreende dos resultados para TONICIDADE, a realização da variante posterior tende a ocorrer em sílabas tônicas: das 48 ocorrências da variante posterior na Amostra Baixada-RJ, 38 aconteceram em sílaba tônica; das 73 ocorrências da variante posterior na Amostra FavRio, 56 aconteceram em sílaba tônica. Esse efeito para essa variável caminha no sentido contrário de processos de enfraquecimento, os quais atingiriam primeiramente sílabas não-tônicas, já que segmentos tendem a ser preservados em sílabas tônicas. Assim, esses resultados colocam uma questão para a hipótese segundo a qual a aspiração da coda (s) seria um estágio de um processo de enfraquecimento da coda em direção à ausência do segmento: se é mesmo um estágio de um processo de lenição, como explicar que a variante posterior acontece predominantemente em sílabas tônicas?

Relativamente à variável posição da coda (s) na palavra (POSICAO), variável relevante apenas para os dados da Amostra FavRio, a Tabela 07 traz a distribuição das variantes:

Tabela 07 — Resultados coda (s) - Amostra FavRio: POSICAO

	Alveopalatal		Posterior		Alveolar		Ausência	
	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%
Final	794/1232	64,45%	64/1232	5,19%	327/1232	26,54%	47/1232	3,82%
Interna	464/478	97,07%	09/478	1,88%	02/478	0,42%	03/478	0,63%

Fonte: Elaboração Própria

Assim como as demais variáveis estruturais analisadas, os resultados para a variável POSICAO seguem os resultados obtidos por Melo (2012, 2107) para as amostras EJLA e Fiocruz: há mais ocorrências da variante posterior quando a coda (s) se realiza em final de palavra. Benayon (2010, p.88) verificou que o contexto mais frequente para a fricativa em coda interna é aquele constituído por uma fricativa surda (pasta, casca, aspa), sendo o contexto constituído por uma fricativa sonora (asma, asno, rasga) menos frequente no PB. Assim, o fato de o contexto interno mais frequentemente ser constituído por uma consoante que desfavorece a realização da fricativa posterior explicaria a menor realização da variante posterior em interior de palavra.

A Tabela 08 e 09 traz os resultados para a variável SEXO nas amostras analisadas:

Tabela 08 — Resultados coda (s) - Amostra Baixada-RJ: SEXO

	Alveopalatal		Posterior		Alveolar		Ausência	
	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%
Masculino	446/611	73,00%	25/611	7,04%	97/611	15,87%	25/611	4,09%
Feminino	536/639	83,88%	05/639	0,78%	94/639	14,71%	04/639	0,63%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 09 — Resultados coda (s) - Amostra FavRio: SEXO

	Alveopalatal		Posterior		Alveolar		Ausência	
	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%
Masculino	619/819	69,47%	66/819	7,40%	170/819	19,08%	36/819	4,04%
Feminino	639/891	78,02%	07/891	0,85%	159/891	19,41%	14/891	1,71%

Fonte: Elaboração Própria

Mesmo que em variedade distintas do PB, Gryner e Macedo (2000), Carvalho (2000), Santos (2009) e Melo (2012) observam que a variante posterior da coda (s) é mais frequentemente realizada por homem do que entre as mulheres. Os resultados para a variável SEXO apontam que a variante alveolopalatal é a que predomina para ambos os sexos. Entretanto, é possível notar que os indivíduos do sexo masculino, nas duas amostras, realizam mais a variante posterior do que as mulheres, o que se mostrou um condicionamento importante para a realização dessa variante. Se entendermos a variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro como um processo de variação estável, a literatura que observa os efeitos da variável sexo em estudos variacionistas, aponta que os homens tenderiam a usar mais as formas não-padrão. No caso das variantes da coda (s), a fricativa posterior é a variante estigmatizada entre falantes mais escolarizados e/ou inseridos socialmente, conforme apontam experimentos de avaliação realizados por Melo (2012, 2017). Assim, os resultados para essa variável seguem a tendência observada pela literatura.

Por fim, a variável ESCOLARIDADE se mostrou relevante para o modelo. Conforme se observa nas Tabelas 10 e 11, de forma semelhante aos resultados de Gryner e Macedo (2000), Carvalho (2000) e Melo (2012, 2017), a variante posterior é mais frequentemente realizada por falantes com menor escolaridade na Amostra FavRio. Por outro lado, os indivíduos com maior grau de escolarização (Ensino Médio e Superior) realizam a variante posterior em percentuais inferiores aos falantes menos escolarizados:

Tabela 10 — Resultados coda (s) - Amostra Baixada-RJ: ESCOLARIDADE

	Alveopalatal		Posterior		Alveolar		Ausência	
	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%
Médio	379/490	77,35%	26/490	5,31%	64/490	13,06%	21/490	4,28%
Superior	603/760	79,34%	22/760	1,05%	127/760	16,71%	08/760	2,89%

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 11 — Resultados coda (s) - Amostra FavRio: ESCOLARIDADE

	Alveopalatal		Posterior		Alveolar		Ausência	
	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%	Apl/N	%
Fundamental	524/759	69,04%	61/759	8,04%	148/759	19,50%	26/759	3,43%
Médio	734/951	77,18%	12/951	1,26%	181/951	19,03%	24/951	2,52%

Fonte: Elaboração Própria

Apesar de haver diferenças entre falantes de Ensino Médio para as duas amostras, o que se verifica é um efeito da escolaridade para a realização da variável: os falantes menos escolarizados das Amostras FavRio e Baixada-RJ são os que realizam mais a variante posterior. Assim, falantes mais escolarizados tendem a realizar menos a variante posterior, provavelmente em razão do estigma que é atribuído a essa variante (MELO, 2012, 2017).

Relativamente aos itens lexicais, como foram observadas apenas 121 ocorrências de itens com a variante posterior nas duas amostras (73 ocorrências na FavRio e 48 ocorrências na Baixada-RJ), não foi possível analisar efeitos de natureza lexical. Entretanto, em um levantamento preliminar, é possível observar que poucos itens foram realizados três ou mais vezes com a variante posterior: *mas* (19/289), *mais* (14/168), *eles* (07/78), *mesmo* (06/54), *dois* (16/44), *depois* (03/42), *nós* (05/32), *às vezes* (02/29), *desde* (07/20), *atrás* (05/10). Apesar de serem necessárias análises futuras para observar a atuação de condicionamentos lexicais, é possível observar que, diferentemente do que acontece com itens frequentes na Amostra EJLA, nenhum dos itens é realizado majoritariamente com a variante posterior. Assim, partindo dos pressupostos dos MBU, é possível argumentar, por enquanto, que nas duas amostras a variante alveolopalatal é a representação central dos itens que contêm a coda (s).

Os resultados expostos nessa seção demonstram que, apesar de os falantes das duas amostras pertencerem a territórios periféricos distintos no estado do Rio de Janeiro, suas produções linguísticas acerca da coda (s) convergem para resultados muito similares com os resultados tanto para a Amostra Fiocruz, com adolescentes moradores de favelas e inseridos socialmente, quanto para a Amostra Censo 2000, com falantes da classe média-média e média-baixa. Consequentemente, o comportamento dos falantes das Amostras FavRio e Baixada-RJ se distanciam do comportamento observado para os adolescentes excluídos socialmente (Amostra EJLA). Esse fato levou à seguinte questão: será possível argumentar que existe um contínuo entre as diferentes normas observadas na comunidade de fala do Rio de Janeiro ou é possível pensar em uma ruptura muito mais severa que coloca de um lado falantes inseridos socialmente e, de outro lado, falantes excluídos socialmente? Nos termos de Melo (2017, p.133), é importante que “os diferentes graus de inserção social dos sujeitos sejam também considerados para que seja possível capturar e explicar a dinamicidade da comunidade de fala, uma vez que a origem e hierarquia social sozinhos não são capazes de traduzir tal dinamicidade”.

6 Discussão

Os resultados preliminares obtidos neste estudo demonstram, de forma consistente, que a variação da coda (s) nas amostras FavRio e Baixada-RJ é fortemente condicionada por fatores linguísticos e sociais. Isto porque, dentre os condicionamentos estruturais, destaca-se a forte atuação do contexto fonético seguinte à coda, com a realização da variante posterior sendo favorecida quando seguida por consoantes sonoras, condicionamento este já identificado por Scherre e Macedo (2000) e Melo (2012, 2017). A tonicidade da sílaba e a posição da coda na palavra também se mostraram relevantes, reforçando resultados em estudos anteriores sobre a variável no que diz respeito à realização da variante posterior.

Relativamente a condicionamentos sociais, os efeitos das variáveis sexo e escolaridade dos falantes corroboram a associação da variante posterior a grupos com menor inserção social e menor escolarização, o que contribui para explicar o estigma social que pesa sobre a variante posterior, conforme já apontado em estudos prévios. No entanto, os dados evidenciam que, apesar de serem falantes de regiões periféricas — sejam periferias sociais (favelas) ou geográficas (Baixada Fluminense) — os falantes das Amostras FavRio e Baixada-RJ não se aproximam do padrão observado entre falantes socialmente excluídos, como os da Amostra EJLA, mas sim replicam os comportamentos encontrados em amostras como Fiocruz e Censo 2000, indicando uma convergência com a norma urbana de prestígio no que se refere à variável em análise.

Assim, os resultados obtidos nesse trabalho sustentam a hipótese de um contínuo de norma urbana na comunidade de fala do Rio de Janeiro. Esse contínuo não se estabelece apenas em termos geográficos, mas também sociais, refletindo os diferentes graus de acesso às instituições legitimadoras de padrões linguísticos, como a escola, os meios de comunicação e o acesso ao mercado de trabalho. A inserção — ainda que parcial — desses falantes em redes sociais mais amplas e a participação em espaços de circulação de normas de prestígio possibilita que seu comportamento linguístico reflita valores e expectativas próximas àquelas das camadas médias urbanas, pelo menos, em relação a algumas variáveis, como parece ser o caso da coda (s). Desse modo, ao invés de uma ruptura entre “favela” e “asfalto” ou entre “periferia” e “centro”, os dados sugerem uma gradação, na qual diferentes graus de inserção social e mobilidade (social e espacial) influenciam o comportamento linguístico dos falantes e podem ter impacto na organização do conhecimento linguístico desses mesmos falantes. Uma ruptura maior, como é o caso dos adolescentes excluídos socialmente (Amostra EJLA), leva não apenas a diferentes distribuições das variantes, mas também a diferentes centralidades na representação

de itens lexicais muito frequentes, os quais são majoritariamente produzidos com a variante posterior. Por outro lado, como se observa, até o momento, para falantes das amostras FavRio e Baixada-RJ, uma maior inserção e mobilidade faz com que esses falantes compartilhem padrões muito semelhantes àqueles de falantes de diferentes setores da classe média, quer seja em relação à distribuição das variantes, quer seja em relação à centralidade das variantes nas representações de itens com a coda (s).

Nestes termos, futuramente, pretende-se agrupar os falantes das Amostras FavRio e Baixada-RJ a partir de critérios que reflitam o nível de interação social de cada um(as) dos(as) falantes com o local em que vivem, a fim de medir qual seria o grau de integração ao território, de identificação dos(as) entrevistados(as) com a favela e de mobilidade desses(as) falantes. O que se observa nas periferias é uma heterogeneidade muito grande, não sendo possível medir o grau de inserção social, conforme proposto por Melo (2017, 2024), sem reconhecer que essa inserção social está intimamente ligada ao acesso a espaços e instituições responsáveis por moldar os valores socialmente prestigiados. Em outras palavras, é preciso assumir que o comportamento dos indivíduos de classes mais baixas não é uniforme e que, em uma sociedade tão desigual, o grau de mobilidade dos indivíduos afeta o comportamento linguístico de falantes pertencentes a classes mais baixas, impactando a dinâmica sociolinguística da comunidade de fala.

Referências

- AULER, M. A difusão lexical num fenômeno de aspiração em português. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 43-51, 1992.
- BENAYON, A. **Aquisição das fricativas no Português Brasileiro: Propriedades distribucionais e variação**. 141 f. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- BRESCANCINI, C. A fricativa em posição de coda no PB. In: Ramos, J. (org.). **Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL**. Belo Horizonte: Editora da FALE/UFMG, 2006. p. 06-20.
- BYBEE, J. **Língua, Uso e Cognição**. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language Variation and Change**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 261-290, 2002.
- CALLOU, D.; BRANDÃO, S. Sobre o /S/ em coda silábica no Rio de Janeiro: falas culta e popular. In: Salgado, A.; Barretto, M. (orgs.). **Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao Prof. Jürgen Heye**. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 27-34, 2009.
- CARVALHO, R. **Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém**. 112 f. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.
- CONNINE, C.; RANBOM, L.; PATTERSON, D. Processing variant forms in spoken word recognition: The role of variant frequency. **Perception & Psychophysics**, v.70, n. 3, p. 403-411, 2008.
- CRISTÓFARO-SILVA T.; GOMES, C. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos. In: Gomes, C. **Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos: para além da dicotomia nature/nurture na ciência linguística**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 13-36.

CRISTÓFARO-SILVA T.; GOMES, C. Teoria de Exemplos. In: Hora, D. da; Matzenauer, C. (orgs.). **Fonologia, fonologias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017, p. 157-168.

CRISTÓFARO-SILVA T.; GOMES, C. Variação linguística: antiga questão e novas perspectivas. **Linguagem**, v. 1, n. 2, p. 31-41, 2004.

GRYNER, H.; MACEDO, A. A pronúncia do -S pós-vocálico na região de Cordeiro – RJ. In: MOLLICA, M.; MARTELOTA M. (orgs.). **Análises linguísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, 2000. p. 26-51.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: Cognitive and Cultural Factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 2010.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno; M^a Marta Pereira Scherre; Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: Social Factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: Internal Factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

MELO, M. **Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala**: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro. 107 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MELO, M. **Direcionalidade da mudança sonora**: o papel do item lexical e da avaliação social. 153 f. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MELO, M. Padrões de avaliação de duas variáveis sonoras na comunidade de fala do Rio de Janeiro: uniformidade ou diferentes tendências? **ORGANON**, v. 37, p. 102-124, 2022.

MELO, M. Fala, favela: a voz dos excluídos e a construção de identidades sociolinguísticas. In: Ana Pedro. (Org.). **Geografias (in)temporais**: identidade, memória e cultura. 1 ed. Aveiro: Humus, 2024. p. 183-203.

PIERREHUMBERT, J. Probabilistic Phonology: discrimination and robustness. In: BOD R.; HAY, J.; Jannedy, S. (eds.). **Probabilistic Linguistics**. Cambridge: MIT Press, 2003. p. 177-228.

PIERREHUMBERT, J. Phonological representation: Beyond abstract versus episodic. **Annual Review of Linguistics**, v. 2, p. 33-52, 2016.

SANTOS, D. **A Variação do /S/ pós-vocálico da fala de Petrópolis, Itaperuna e Paraty**. 149 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SCHERRE, M.; MACEDO, A. Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -S pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: Mollica, M.; Martellota M. (orgs.). **Análises linguísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, 2000. p. 26-51.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**; Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].